

## Corpo de mãe♦

**Marcus André Vieira**

Pensei em apresentar a vocês meu “lado mãe” e o modo como ele foi tratado em análise. Sempre fui mais filho; com as dificuldades de praxe pude ser pai; mas me orgulho de ter podido sentir um pouco do que ouço no que me contam as mães.

Não me refiro aos cuidados maternos. Como bom pai de hoje tomei parte deles, dividi com minha mulher idas à creche, o preparo da papinha, a mamadeira da madrugada. Quando falo em meu “lado mãe” quero me aproximar, neste universo, de outra coisa, de um desmedido do amor que responde por muitas dores e delícias do que costumamos chamar “maternidade”.

I

Levava meus filhos para a piscina. Era um momento único. Fazia as brincadeiras de pai animado ao meu estilo, jogava-os para cima, ensinava-os a nadar, a mergulhar e prender a respiração, em suma a entregar-se a outro meio sem entregar-se ao medo.

Outra coisa, porém, se insinuava e só fui reconhecê-la muito adiante, em sonhos, em análise. Ela se apresentou menos com minha filha, em que tudo era bem regrado pelo tabu, e sim com meu filho. Mais novo, ele ainda não falava direito, rechonchudo e deliciado com a piscina. Havia para mim uma satisfação a mais em estar ali dentro da água com ele no colo, o caçula que não nadava, um sentimento indescritível a que respondia o desejo de um abraço estreitamente eterno.

Sei que não é grande coisa, mas é o que tenho no plano do infinito materno. Tomem, se quiserem, como a experiência de um “estagiário”. De todo modo, ela fala do prazer intenso de uma mãe com o corpo de seu filho, vivido quase como uma extensão do corpo próprio.

Não creio que estejamos, quanto a este aspecto da mãe, no plano de nossa referência clássica do filho como falo da mãe. Neste caso, a criança se oferece como aquilo que a mãe não pôde ser. O gozo é sempre fora do corpo da mãe, se do corpo consideramos a dimensão de mistério e obscuro. O jogo fálico seria melhor encarnado pelas várias mães que na piscina assistiam da arquibancada a aula de natação do filho.

O imenso de que lhes falo é outra coisa, mais o da mãe dentro da piscina, de certa forma vivendo-se como a própria piscina, mãe-mar. Talvez, nesse plano, seja melhor, com Lacan, falar na criança como objeto na fantasia da mãe. Aqui não há mediação da

---

♦ Sétimo testemunho, redigido para a plenária “A mãe e o final de análise” da XIX Jornada da EBP-MG, *O que quer a mãe, hoje?*, Belo Horizonte, 30 de outubro de 2015.

função paterna, do professor de natação, por exemplo. É a mãe como presença para o filho tanto de um amor infinito como de um corpo onipresente, de um gozo que convoca o que dela resta não recoberto por seu papel de “mãe de família”, pela metáfora paterna. A literatura psicanalítica fez florescer muitos termos para designar este plano da realidade clínica que Lacan aproximou de um *crocodilo*: mãe arcaica, supereu materno ou pré-genital entre outros.

De algum modo meu filho sabia disso e ressabiado dizia o tempo todo *pioxapapai*, “me solta papai” (ou seria melhor dizer *pioxamamãe*?). Eu me dizia: “Que gracinha, tão novinho e já querendo se virar sozinho, calma, ainda é cedo!”. Como boa mãe em vez de ouvi-lo, só via ali razão para fazer o que mais queria, como bom crocodilo estreitar ainda mais o abraço.

## II

Não quero enfatizar esse aspecto da mãe, crocodilo, mas destacar como, nesse gozo fora do falo, não recoberto pelo Édipo, a maternidade deságua no infinito. A vertigem de reabsorver seu objeto, de engoli-lo, convoca um *infinito*, que chamamos com Lacan de feminino. Este infinito a que todos estamos sujeitos pode encontrar outro destino que não o materno. É disso que quero lhes falar.

Não tive uma mãe infinita, ela era por demais ligada à sua própria mãe para bancar o mar que me tragasse ou a baleia que me engolisse. Com sua mãe criara um mundo à parte, uma grande empresa familiar, com um mar de gente. Nunca foi muito de carinhos menos ainda ilimitados, seu amor de mãe ficou no olhar. Seu olhar me acompanhava no mundo, isso a separava daquele mundo da empresa o mínimo que sua relação com sua mãe lhe permitia e isso já lhe bastava.

Havia um infinito a meu redor, só que ele não estava no colo ou no abraço. A cena da piscina remetia a Outra cena, entre muitas com a mesma estrutura em que esse infinito aparecia. É a seguinte. Por volta dos seis anos empurro minha irmãzinha para dentro da água que começa a se afogar. Minha mãe estende a mão para tentar agarrá-la e grita, ela que jamais elevava a voz, algo como um “não!” desesperado. Nada grave ocorreu, todos se jogaram na água e ela nem engasgou, mas posso ouvir aquele grito até hoje.

O grito e a mão estendida desesperada em direção ao filho que cai me acompanharam por muito tempo. Foram representando cada vez menos uma vertente trágica, da *Pietà*, e mais o sem sentido da vida, do desespero humano dinte do absoluto do Outro ausente, do Outro que não há. A vida é malfeita, não há, para o filhote de homem, a “mão que lava a outra”, não há como uma apertar a outra num encontro complementar. Não há, no real, relação.

A este real, que é o mesmo de muitos outros gritos que ouvi, respondi, por[em, desde cedo com sua negação. Oferecia meu corpo agitado, batalhador, para calar o grito da mãe e reparar sua perda. Identificado com aqueles que se lançaram na água, lancei-me para reparar a perda da mãe com minha agitação viril pelo mundo. Em resposta à mão

desesperada e seu grito vim oferecer minha mão que aprendera a nadar. Não mais pendente, minha mão mergulhava decidida na água para negar o impossível do real. Como nadador incansável eu podia esquecer o imenso do mar à minha volta.

### III

O que fez a análise com essa estrutura? No plano desse testemunho só posso indicá-lo. Ela me trouxe, um gozo extra, não apenas “a mais”, mas um gozo não previsto ou, como diz G. Rosa, “o leite que a vaca não prometeu”, o gozo do *sinthoma* nos termos de Lacan. Para materializá-lo hoje, convoco o seguinte sonho, que tive no final da análise:<sup>1</sup>

*Nosso avião havia caído no mar, estávamos na água eu e alguns imprecisos outros. Um outro avião vem a nosso socorro, dentro dele como num telão vejo um rei inca que virá nos salvar, mas o avião começa a cair, e tanto o avião quanto o grande guerreiro vão se encolhendo e transformando-se em brinquedos e é como terminam quando o avião cai na água. Quando a temida catástrofe se abate, descobrimos que tínhamos estado todo o tempo com a água pela cintura apenas. Durante todo o sonho o clima era de festa e o mais importante: batíamos antes a mão na água para não afundarmos e depois, com bastante barulho, apenas pelo prazer, splash, splash, splash!*

A batida incessante da mão no mar ataca a água para salvar ninguém. Ela não é nem mão estendida e grito desesperado, por um lado, nem mão nadadora e grito de vitória por outro. Nessa alegoria que lhes proponho foi essa a satisfação extra que me trouxe a análise, a dessa barulhada em que se misturam o som de gritos entre prazer e vertigem, e a percussão das mãos na água.

Parece tão óbvio, vocês diriam, qualquer criança sabe desse prazer, até seu filho já sabia e por isso seu *pixoxa*... Soube eu, então, de outro jeito, não só como um prazer a mais, mas como meu modo de agitação singular. Essa mão que bate, de novo e novamente, não agarra nada, mas não deixa de fisgar a vida em sua agitação, o que chamei em outros testemunhos de *mordidavida*.<sup>2</sup>

Nessa cena de mão e som estão implícitos tantos elementos de minha vida que eu não saberia decliná-los todos. São as marcas primordiais dos meus encontros com o mundo que fui mapeando na análise como elementos constitutivos de minha história. A mão do corpo que se lança, que agarra e tudo põe na boca, a boca que grita e morde, o coração que bate como um tambor chamando para a luta, o zumbido nos ouvidos da vida que pulsa. Tudo do que já falei em outros testemunhos.

Se a cena contém todos estes elementos, porém, não é tanto por ser um condensado de passados. Ela é para mim a presentificação de uma matéria bruta constante em todos estes acontecimentos e que a todos deu o lastro. É essa que Lacan chama *sinthoma*, como substância gozante, espessura singular que atravessa uma vida sem nunca em um momento dado consistir inteiramente.<sup>3</sup>

## IV

Em minha alegoria o *sinthoma* se materializa, exatamente no ponto de encontro entre ar e água que a mão faz existir ao agitar a superfície, aquela espuma confusa e indeterminada com água para todos os lados. O importante não é nem estar no ar nem na água, nem voar, nem nadar, mas apenas viver ao máximo este espaço mágico do encontro. Retornando à piscina, o verdadeiro infinito não é o das profundezas, dos medos ou do amor de uma mãe, ou de uma mulher, mas o de um atravessamento incessante que é ao mesmo tempo trabalho e lazer e que segue em infinito vibrar em meu próprio corpo.

Para concluir, duas considerações de cunho mais geral.

Primeiramente, que espaço é esse o do *sinthoma*? A mão que se agita produz um composto improvável entre ar e água. De fato, como dizer quando começa um e termina outro neste branco da espuma? Meu *sinthoma* me ensina sobre o litoral em que vivemos todos. Nossa vida acontece em um espaço composto, nessa mistura tão humana de língua e gozo e que nos constitui. Lacan chamou-a de *lalíngua* para mostrar como é tanto língua, discurso que serve à comunicação, como também *lalação* vida que se vive, divertida ou dramática, enquanto tentamos nos comunicar.

Em segundo lugar, o analista não seria aquele que na cidade agita e faz vibrar justamente este espaço? Não é o que habita o litoral entre o mundo onírico, confuso e a luz de cada manhã de segunda feira? Que introduz o analisante a seu modo único de existir no entre dois, na *lalíngua* de seu *sinthoma* e a propor a seu destino alguma consonância com ela, ainda que desencontrada e contingente?

No mundo da tirania da transparência de hoje, não há mais lusco-fusco, mas continuamos buscando o entre-dois do *sinthoma* que não é nem porto de partida nem de chegada, mas litoral infinito - outro infinito que não o mergulho ou da elevação, do amor da mãe, ou da luta do filho. Meu estágio com meu “lado mãe” me ensinou que não há nem profundezas nem “pão-pão, queijo-queijo” absolutos. Ambos e muitos outros são construções a partir da pegada canhestra da vida. O da fala de mal-jeito. Só há mal-entendido, mas dele, como diz Lacan, somos todos filhos.<sup>4</sup>

Quando as certezas da moda ou da catástrofe imperam, viver no fio do meio híbrido que nos constitui pode vir a ser aquilo que subverte, sonha e ri. Sei que tenho tanto mais vida (e corpo) quanto mais no diapasão de minha barulhada espumante consigo estar e a percussão dessa mão na água segue no infinito de cada instante. Por isso sigo, como analista, mas também às vezes como pai, mãe, amigo, tentando aproximar o *sinthoma* que o Outro escreveu em mim do que leio de *sinthoma* no Outro, até mesmo quando ele me diz *pixoxamamae*.

---

<sup>1</sup> Cf. Vieira, M. A. “Como morder o mar”, *Opção Lacaniana*, n. 67, São Paulo, EBP, dezembro de 2013, pp. 97-104.

<sup>2</sup> Cf. Vieira, M. A. “Mordidavida”, em *Opção Lacaniana*, v. 65, São Paulo, 2013.

<sup>3</sup> Para o *sinthoma* como um composto entre um núcleo de gozo e seu envelope formal Cf. Miller, J. A. “O Outro que não existe e seus comités de ética”, *A orientação lacaniana*, inédito, lição de 4/6/97, publicado parcialmente em : Miller, J. A. “Teoria do parceiro”, *Os circuitos do desejo*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2000.

<sup>4</sup> Lacan, J. “Le malentendu”, lição de 10 de junho de 1980 do seminário “Dissolução”, *Ornicar? N° 22/23*.